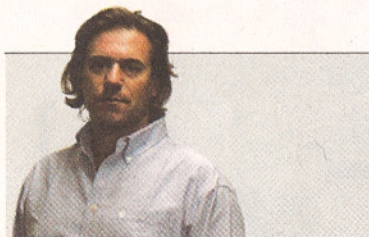


Um rol de vinhos louváveis

Mais do que vinhos tecnicamente irrepreensíveis, são os vinhos com alma e personalidade que modelam a memória e o percurso enófilo, autorizando uma visão que se situa além do intuitivo e do imediato. Estes são alguns dos vinhos que mais me marcaram em 2010



Rui Falcão

Enquanto aguardamos com apreensão o novo ano que agora amanhece, alarmados com os inequívocos sinais de uma crise há muito profetizada, uma crise que se vaticina madrastra e dramática para o universo do vinho português, é tempo de fazer as contas do deve e haver sobre o ano que findou, ocasião para completar um primeiro balanço sobre alguns dos vinhos que mais me emocionaram e desassossegararam durante o ano transacto.

Malgrado o malfadado aperto da crise, 2010 acabou por ser um ano pródigo para os vinhos nacionais, um ano onde despontou um número considerável de vinhos de referência, brancos, tintos, espumantes e generosos, muitos dos quais procedentes de novos produtores, de castas pouco mediáticas ou de regiões menos conotadas com o sucesso e a moda, com ganhos directos na diversidade e propriedade, sinal claro de uma maior maturidade do mercado e de uma maior pluralidade de opções.

Entre os eleitos, salienta-se o Quinta do Mouro Rótulo Dourado 2006, do Alentejo, um vinho de potência desmedida, numa alternância constante entre urbanidade e tirania que, como que por artes mágicas, termina elegante e fresco, pujante e galante. Disposto num permanente e delicado equilíbrio entre vigor e comedimento, entre a loucura da

potência e a delicadeza afectuosa de trato, perdido num estranho jogo de contrastes e contradições, afirma-se ora urbano e polido, ora despótico e perverso, mas sempre fresco e tenso, com um final de boca triunfal, envolto em taninos eficazes e superiormente proporcionados.